



Durante cúpula em Madri, aliança militar ocidental avalia desafios para a próxima década, critica a China, garante apoio total à Ucrânia e convida Finlândia e Suécia à adesão. Putin denuncia "ambições imperiais". EUA reforçam tropas na Europa

Otan aponta Rússia como ameaça direta

» RODRIGO CRAVEIRO

Gabriel Bouys/AFP

Mais do que uma demonstração de apoio incondicional à Ucrânia, a declaração final da cúpula da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) sinaliza um ensaio à expansão da aliança, reposiciona a estratégia para a próxima década e coloca a Rússia como ameaça direta. Pela primeira vez, os líderes dos 30 países-membros classificaram a China como um "desafio" e convidaram Finlândia e Suécia e iniciaram o processo de adesão. Eles também condenaram a "crueldade terrível" da Rússia, que "causa imenso sofrimento humano".

No documento, a Otan atribui a Moscou "total responsabilidade por esta catástrofe humanitária". O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, participou por videoconferência da cúpula e cobrou o envio de "sistemas de artilharia muito mais modernos, além de apoio econômico. Ele estimou que Kiev precisa de pelo menos US\$ 5 bilhões mensais para defesa.

Por sua vez, o presidente norte-americano, Joe Biden, afirmou que a reunião enviou uma "mensagem inconfundível" de que a Otan está forte e unida. "Para esse fim, estou anunciando que os Estados Unidos aprimoraram nossa postura de força na Europa e responderão às mudanças no ambiente de segurança, além de fortalecer nossa segurança coletiva", declarou o democrata. O contingente militar dos EUA será reforçado na Espanha, Polônia, Romênia, nos países bálticos, no Reino Unido, Alemanha e Itália.

O premiê do Reino Unido, Boris Johnson, provocou o líder russo Vladimir Putin. "Se Putin esperava ter menos Otan no flanco leste como resultado de sua invasão ilegal e injustificável da



O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, discursou por videoconferência no evento e pediu aos líderes dos 30 países sistemas modernos de artilharia

Ucrânia, estava totalmente equipado: terá mais Otan", avisou. Putin denunciou as "ambições imperiais" da Otan e disse que a adesão da Finlândia e da Suécia "não seria problema". "Não temos problemas com Suécia e Finlândia como os que temos com a Ucrânia", assegurou. "Os países que lideram a Otan querem (...) afirmar sua hegemonia, suas ambições imperiais", acrescentou.

Pesquisador da Universidade de Stanford e da American University, James Goldgeier concordou com a visão de Bruxelas de que a Rússia representa uma ameaça direta à Otan. "A aliança aprimora suas habilidades para se defender, aumenta os gastos com defesa e adiciona

destacamentos no Leste Europeu", afirmou ao **Correio**. Ele sublinha que a declaração final da cúpula em Madri referiu-se a uma "competição sistêmica". "O novo Conceito Estratégico discutido como as ambições declaradas e as políticas coercitivas da China" desafiam o interesse, a segurança e os valores da Otan."

Envolvimento

De acordo com Goldgeier, o anúncio de reforço da presença militar dos EUA na Europa colocam Washington de volta a um "envolvimento profundo" no continente. "As decisões do governo norte-americano de terem um quartel-general na

Polônia, além de adicionar tropas e equipamentos na Europa, são bem importantes."

Edward P. Joseph — professor da Faculdade de Estudos Internacionais Avançados da Universidade Johns Hopkins — explicou à reportagem que, além da ameaça representada pela Rússia, a Otan se guia "pela dinâmica da invasão brutal, não provocada e incompetente" à Ucrânia. "A Otan tem sido um ator estável e previsível no Leste Europeu. Nenhum dos vizinhos da Rússia fez ameaças a Moscou nem levantou reivindicações provocativas."

Joseph entende que, ao pontuar a Rússia como ameaça e a China como desafio, a Otan

envia um recado contundente a Pequim. "Antes da invasão à Ucrânia, havia diferenças entre os EUA e os países da União Europeia em relação à forma de lidar com a China. O bloco europeu estava mais inclinado a adotar uma posição suave no trato com Pequim. Isso não ocorrerá. Graças à invasão de Putin, o bloco classifica a China como um Estado autoritário, que desrespeita o direito internacional", afirmou. O estudioso acha pouco provável uma guerra espraída pela região. "Não vejo risco de envolvimento da Otan na Ucrânia por um motivo: isso levaria ao fim da operação do Exército da Rússia na ex-república soviética."

Eu acho...

Fotos: Arquivo pessoal



"O acordo da Turquia com a Suécia e a Finlândia, permitindo a adesão delas à Otan, é um duro golpe para Vladimir Putin, dado o tanto que ele investiu nas relações com o presidente turco, Recep Tayyip Erdogan. Isso também sugere que talvez até a China poderia eventualmente se voltar contra Putin. Países da América Latina, como o Brasil, poderiam ajudar a avançar a causa da paz na Ucrânia por meio da solidariedade com Kiev e do isolamento de Moscou."

Edward P. Joseph, professor da Faculdade de Estudos Internacionais Avançados da Universidade Johns Hopkins, hoje baseado em Belgrado (Sérvia)



"A Otan continuará a fornecer mais apoio para a Ucrânia, mas não enviará tropas para a ex-república soviética. A decisão de convidar Finlândia e Suécia para começar o processo de ascensão é histórica. Os dois países serão grandes membros da Otan, e as nações bálticas estão agora muito melhor defendidas contra uma possível agressão russa, com a presença da Suécia e da Finlândia."

James Goldgeier, professor visitante do Centro para Segurança Internacional e Cooperação da Universidade de Stanford e professor de relações internacionais da American University

TERRORISMO

Prisão perpétua por ataques em série contra Paris

Demorou 2.421 dias até que a justiça fosse feita. Na tarde de ontem, o tribunal instalado no Palácio de Justiça de Paris condenou Salah Abdeslam à prisão perpétua, sem direito à liberdade condicional. O francês de 23 anos é o único integrante vivo do comando de homens-bomba que espalhou o horror na capital e promoveu uma matança de 130 pessoas na casa de shows Bataclan e em bares e restaurantes da capital. Outros 19 acusados de participarem indiretamente dos atentados também receberam penas a partir de dois anos de detenção.

Os cinco juízes impuseram a Abdeslam a maior sentença, aplicada apenas quatro vezes na França, ainda que a defesa tenha tentado qualificá-la como "pena de morte social" e convencer os

jurados de que o terrorista desistiu de se explodir na noite do atentado. Os magistrados entenderam que Abdeslam buscou o martírio e que o cinto-bomba estava defeituoso. Na última declaração à Corte, o extremista jurou inocência. "Não sou um assassino e se for condenado por assassinatos, vocês cometeriam uma injustiça. A opinião pública pensa que eu estava nos bares, atirando contra as pessoas, que estava no Bataclan. Vocês sabem que a verdade está no sentido contrário", disse. Ele não esboçou emoção ao escutar o veredicto, de braços cruzados.

Presidente da Vida por Paris, uma organização não-governamental que reúne sobreviventes dos atentados de 13 de novembro de 2015, Arthur Dénouveaux



O francês Salah Abdeslam tentou detonar os explosivos atadados ao corpo, na noite de 13 de novembro de 2015

os atos cometidos. Nós passamos 10 meses discutindo isso. Então, em me sinto à vontade com a sentença. Embora tudo isso pudesse ter sido evitado, o terrorismo é um beco sem saída", afirmou ao **Correio**. "A Justiça pode ser dura, e tem que ser dura mesmo, mas justa. Creio que isso ocorreu."

Hoje, Dénouveaux consegue controlar as lembranças daquele dia macabro, após anos de terapia. "Eu estava lá, dentro do Bataclan, e enfrentei o que

é impossível descrever. É algo que desejo esquecer", desabafou. De acordo com ele, o terrorismo torna a tranquilidade impossível. "A Justiça está aqui para fazer com que alcancemos a paz", comemorou.

Marine Le Pen, líder do partido de extrema-direita Reagrupamento Nacional, afirmou que a condenação de Abdeslam é "um alívio para a nação". "Nesta noite, tenho um pensamento comovido para os entes queridos das vítimas, cuja dor jamais deixará de existir. Nosso dever, agora, é aniquilar o fundamentalismo islâmico", escreveu no Twitter. Até o fechamento desta edição, o presidente francês, Emmanuel Macron, não havia se pronunciado sobre o julgamento. (RC)

Geoffroy Van der Hasselt/AFP



A Justiça está aqui para fazer com que alcancemos a paz"

Arthur Dénouveaux, sobrevivente da casa de shows Bataclan e presidente ONG Vida por Paris